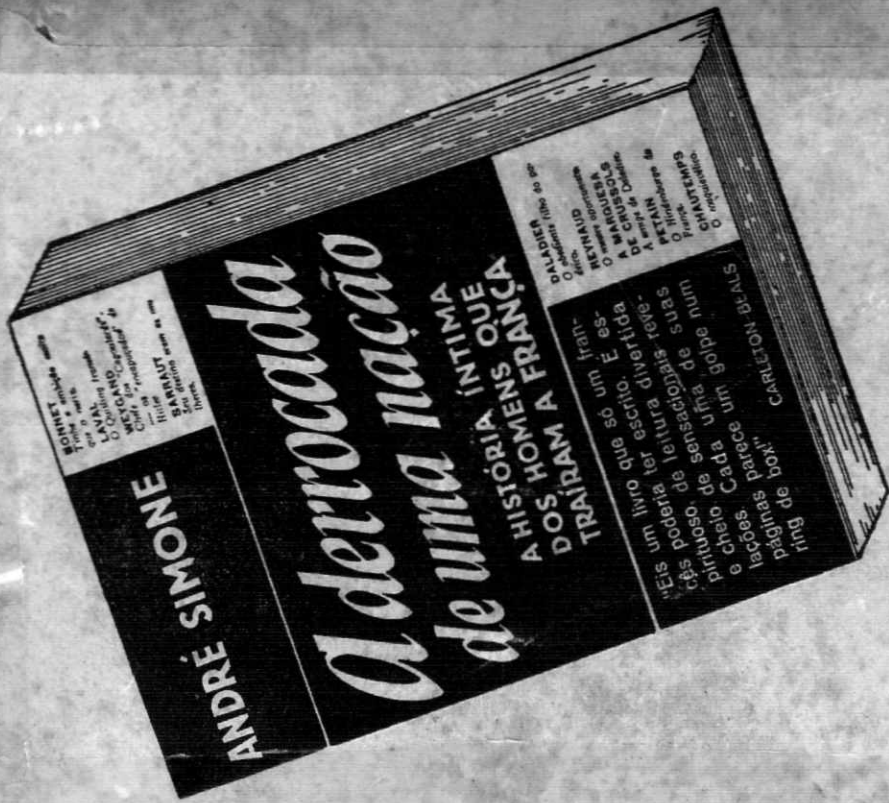


A ruína de uma democracia



Um documento de protesto, de indignação, de angústia e de revolta, no qual um penetrante observador descreve as causas do espetacular colapso da França!

**10\$000**  
EM TODAS AS  
LIVRARIAS

Edições Meridiano - Cel. Fernando Meridiano, 911 - F. A. 1067

*Oswald Spengler*

# O Homem e a Técnica

UMA CONTRIBUIÇÃO À FILOSOFIA DA VIDA

tradução de **ERICO VERTISSIMO**

EDIÇÕES MERIDIANO

---

---

### "O HOMEM E A TÉCNICA"

Escrito e publicado após o monumental "A Decadência do Ocidente", o livro que as Edições Meridiano apresentam hoje ao público brasileiro encerra um sumário da filosofia de Oswald Spengler.

Estava ele convencido de que a cultura técnica — a cultura da idade da máquina que o homem criou com a sua capacidade única para a técnica individual, bem como para a racial, — já atingiu seu ponto mais alto e que o futuro só nos reserva catástrofes.

A era mecânica em que vivemos — acha êle — não tem vida cultural progressiva, mas apenas ânsia de poder e de posse. O triunfo da máquina conduz não a menos trabalhadores e menos trabalho, mas a um estado de regimentação em massa. A técnica ditou, pois, o destino da civilização ocidental.

O fim deste livro pequeno mas compacto e cheio de força, é uma peroração filosófica que dificilmente encontrará igual em nossa época.

Todo o volume lança luz sobre o que parecer obscuro a muitos leitores em "A Decadência do Ocidente".

---

---

BIBLIOTECA PARTICULAR  
JORGE ALBERTO ALVES MARIA

2892168  
522A  
CMA 45  
26/10/79

# O HOMEM E A TÉCNICA

CONTRIBUIÇÃO

A UMA FILOSOFIA DA VIDA

*[Handwritten signature]*

*28422*

OSWALD SPENGLER

# O HOMEM E A TÉCNICA

CONTRIBUIÇÃO

A UMA FILOSOFIA DA VIDA



1941

EDIÇÕES MERIDIANO  
PORTO ALEGRE

398

Efficiência e tudo o que está no nosso alcance e possibilidade.  
Uma empresa ou companhia, como transporte, tem pouca condicão e não se conta de transportar tudo, por falta de veículos, a empresa ou companhia está em eficiência, porque não satisfaz as condições exigidas.  
Um ser prático, uma pedra e dois homens e sendo um masculino e outro feminino, ligas que se o homem transportar em brancas a pedra terá eficiência. agora a mesma pedra, mas a mulher não poderá levantar brancas eficiência.

*Zeno*

Publicado originalmente em alemão com o seguinte título:

“DER MENSCH UND DIE TECHNIK”

1931

TRADUÇÃO DE

ERICO VERISSIMO

1941

OF. GRÁF. DA TIP. THUEMANN

Rua 7 de Setembro, 723

Porto Alegre

## OSWALD SPENGLER

**O**SWALD SPENGLER nasceu em 1880, em Blankenburg, Alemanha. Estudou matemática, filosofia e história em Munich e Berlim, e de 1907 a 1911 ensinou matemática e física numa escola em Hamburgo. A crise de Agadir em 1911 lhe serviu de incentivo imediato para exaustivas investigações em torno das origens de nossa civilização. Abandonando o magistério, completou em 1914 a primeira versão do volume primeiro de *A DECADÊNCIA DO OCIDENTE*, que permaneceu inédito durante quatro anos. Antes disso nada havia publicado além de sua tese de doutoramento sobre Heráclito.

Durante seus últimos anos de vida, Spengler enchia as horas de lazer com quadros, armas primitivas, quartetos de Beethoven e comédias de Shakespeare e Molière. Eram essas as diversões principais do filósofo, além de passeios a pé às montanhas de Harz e de visitas à Itália. Sob o regime nazista teve a coragem de exprimir o seu desprezo pelo anti-semitismo e no fim caiu das graças do

partido, o qual, entretanto, nada ousou fazer contra elle.

Oswald Spengler morreu em Munich a 8 de Maio de 1936. Por ocasião de seu falecimento, o "New York Times" escreveu num editorial: "A primeira edição de "A Decadência do Ocidente" appareceu não apenas antes da ascensão de Mussolini ao poder, mas também muito antes do aparecimento de Hitler. Assim, quando Spengler predizia a volta da ditadura, não estava meramente profetizando um estado de coisas já atingido. Suas profecias cumpriram-se quasi completamente na Alemanha".

Além de "A Decadência do Ocidente", publicou Spengler "A Hora da Decisão" e este admirável "O Homem e a Técnica" que, segundo o crítico americano Lawrence Stallings é "uma obra de filosofia como ninguém a não ser Spengler nos podia dar com tal amplitude".

## PREFÁCIO

NAS páginas seguintes ponho ante os olhos do leitor uns poucos pensamentos tirados de uma obra maior na qual há anos me acho empenhado. Foi minha intenção empregar aqui o mesmo método que em *A Decadência do Ocidente* appliquei exclusivamente ao grupo das culturas superiores para a investigação de seu pre-requisito histórico, ou seja a *história do homem desde suas origens*. Mas a experiência do trabalho anterior mostrou que os leitores em sua maioria não se acham em condições de ter uma visão de conjunto da massa de idéias como um todo, de sorte que assim se perdem nas particularidades dèste ou daquele domínio que lhes é familiar, vendo o resto de soslaio ou então não vendo de maneira nenhuma. Em consequência disso, ficam com uma falsa imagem não só do que escreví, como também do assunto sobre o qual escreví. Hoje, como então, estou convencido de que o destino do homem só pode ser compreendido se levarmos em conta todas as provincias de sua atividade *simultânea e comparativamente*, evitando o êrro de procurar a elucidação de algum problema — por exemplo: o da política, da religião ou o da arte — considerando-o exclusivamente como

um *aspecto* particular de sua existência, na crença de que, isso feito, nada mais resta a dizer.

Neste livro, não obstante, aventuro-me a propor alguns desses problemas. São uns poucos dentre muitos. Acham-se, porém, de tal forma entrelaçados que podem por ora ajudar o leitor a ter uma impressão rápida e provisória do grande sergrêdo do destino humano.

## ÍNDICE

### I — A TÉCNICA COMO TÁTICA DE VIDA . . . . . 13

Processo e meios. — Luta e arma. — Evolução e realização. — A transitoriedade como forma do real.

### II — HERBÍVOROS E ANIMAIS DE RAPINA . . . . . 35

O homem como animal de rapina. — "Ser" presa e "fazer" presa. — O movimento como fuga e ataque. — O olho rapace e seu mundo. — A invariável "técnica da espécie" e a técnica inventiva do homem.

### III — A ORIGEM DO HOMEM: A MÃO E O INSTRUMENTO . . . . . 53

A mão como órgão do tacto e da ação. — Diferenciação entre o fabrico das armas e o uso delas. — Liberação relativa à coação da espécie. — "Pensamento do olho" e "pensamento da mão". — Meios e fim. — O Homem como criador. — O ato singular. — Natureza e "arte". — A técnica humana é artificial. — Homem versus Natureza. — A tragédia do Homem.

### IV — O SEGUNDO ESTÁDIO: FALAR E EMPREENDER 71

O "fazer" coletivo. — Há quanto tempo se fala com palavras? — Finalidade da linguagem: a empresa coletiva.

— Finalidade da empresa: exaltação da potência humana. — Separação do pensamento e da mão: o trabalho do diretor e o trabalho do executor. — Cabeças e mãos: a hierarquia dos talentos. — Organização. — Existência organizada: Estado é povo, política e economia. — A técnica e o número dos homens. — Personalidade e massa.

V — O ÚLTIMO ATO: ASCENÇÃO E FIM DA CULTURA MECÂNICA ..... 103

Vikings do intelecto. — Experiência, hipótese de trabalho, *perpetuum mobile*. — Sentido da máquina, as forças orgânicas da Natureza obrigadas a trabalhar. — Indústria, riqueza e poder. — Carvão e população. — Mecanização do mundo. — Sintomas de decadência: diminuição das naturezas diretoras. — A revolta das mãos. — O monopólio perdido da técnica. — O mundo colorido. — O Flin.

## CAPÍTULO I

### A TÉCNICA COMO TÁTICA DE VIDA



*Processo e meios. — Luta e arma. —  
Evolução e realização. — A transitoriedade  
como forma do real.*

O PROBLEMA da técnica e de sua relação com a Cultura e a História só no século dezanove é que se apresenta pela primeira vez. O dezoito, com o seu cepticismo fundamental — com a sua dúvida que se avizinhava do desespero — havia proposto a questão do sentido e do valor da **Cultura**. Foi um assunto que levou a outros cada vez mais largos e subdivididos, criando assim para o século vinte, para os nossos próprios dias, a possibilidade de olhar a História Universal como um problema.

O século dezoito, a era de Robinson Crusoe e de Jean Jacques Rousseau, dos parques ingleses e da poesia pastoril, considerava o homem "primitivo" como uma espécie de cor-deirinho pacífico e virtuoso, que mais tarde a Cultura deitou a perder. Seu aspecto técnico era completamente esquecido ou, se chegavam a vê-lo, consideravam-no indigno da atenção do moralista.

Mas depois de Napoleão a técnica maquinista da Europa ocidental cresceu a proporções gigantescas e, com suas cidades fabris, suas estradas-de-ferro e barcos a vapor obrigou-nos finalmente a encarar o problema de frente e a sério. Qual a significação da técnica? Qual o seu sentido dentro da História? O seu valor dentro da vida? Que posição ocupa, social e metafisicamente? Ofereceram-se muitas respostas a essas perguntas, mas no fundo elas se podem reduzir a duas.

De um lado, os idealistas e ideólogos, os epígonos do Classicismo humanista da época de Goethe, consideravam as coisas técnicas e os assuntos econômicos como fora ou, melhor, abaixo da "Cultura". O próprio Goethe, com seu grande senso do real, havia procurado, no seu segundo *Fausto*, penetrar nas mais fundas profundidades desse novo mundo-de-fatos. Mas já em Wilhelm von Humboldt temos os princípios de uma concepção filológica e anti-realista da História que, no fim de contas, aquilata o valor de uma época histórica pelo número de quadros e livros que ela produziu. Um homem de govêrno só era olhado como figura significativa quando ganhava foros de

patrono da literatura e da arte. Pouco importava a maneira como se conduzia em outros terrenos. O Estado era um constante obstáculo à verdadeira Cultura que se buscava nas salas de conferências, nos refúgios dos estudiosos e dos artistas. Mal se chegava a dar crédito à possibilidade da guerra, que não passava de uma barbárie de épocas pretéritas. A economia era qualquer coisa de prosaico, estúpido e indigno de nossa atenção, embora na realidade fôsse assunto de trato diário. Mencionar o nome de um grande comerciante ou de um grande engenheiro junto com o de poetas e pensadores, era quasi um ato de lèse-majesté à "verdadeira Cultura". Examinemos, por exemplo, as *Weltgeschichtliche Betrachtungen* (Considerações sobre a História Universal) de Jakob Burckhardt. Seu ponto de vista é característico da maioria dos professores de filosofia e até de não poucos historiadores, ao mesmo tempo que é também o ponto de vista desses literatos e estetas de nossos dias que consideram a elaboração dum romance mais importante que o projeto de um motor de avião.

De outra parte havia o Materialismo — em sua essência um produto inglês. Estava em grande moda entre os semi-cultos da segunda metade do século passado. Era a filosofia do jornalismo liberal e das assembleias populares radicais, dos marxistas e dos escritores ético-sociais que se consideravam pensadores e profetas.

Se o característico da primeira classe era uma falta do senso da realidade, no segundo grupo o que havia era uma ausência devastadora do sentido de profundidade. O ideal dos materialistas era o útil e apenas o útil. Tudo quanto fôsse útil à "humanidade" era um elemento legítimo de Cultura, era na realidade Cultura. Quanto ao resto... luxo, superstição ou barbárie.

Agora: essa utilidade era a utilidade que levava à "felicidade do maior número", e essa felicidade consistia em não fazer nada. Tal é em última análise a doutrina de Bentham, Spencer e Mill. Afirmava-se que o objetivo da humanidade consistia em aliviar o indivíduo da maior quantidade possível de trabalho, atirando a carga para cima da má-

quina. Libertar os homens da "miséria da escravidão ao salário", dar-lhes igualdade nas diversões e confortos e no "gôzo da arte". É o **panem et circenses** da urbe gigantesca das épocas de decadência que se está apresentando. Os filisteus do progresso se entusiasma-  
vam liricamente a cada botão que punha em movimento um aparelho cuja finalidade era, ao que se supunha, a economia do trabalho humano. Em lugar da religião honesta dos tempos passados, havia um entusiasmo superficial pelas "conquistas da humanidade" — palavras estas que nada mais querem dizer senão progresso na técnica da economia do trabalho e da fabricação de divertimentos. Sobre a alma, porém, nenhuma palavra.

Ora, tais ideais não são em absoluto do gôsto dos grandes descobridores (com raras exceções) nem mesmo dos que conhecem bem os problemas técnicos. Mas o é dos **espectadores** que os cercam e que, incapazes de descobrir qualquer coisa ou pelo menos compreender o que por acaso descobrissem, sentem que há no ar algo que pode redundar em seu benefício. Nessas condições, uma vez

que em cada "civilização" <sup>(1)</sup> o materialismo se distingue por sua falta de força imaginativa, surge o quadro dum futuro no qual o fim último e a condição duradoura e final da humanidade é um paraíso terrestre, concebido segundo as tendências técnicas, digamos, da casa dos 80 no século passado — uma desconcertante negação do conceito mesmo de progresso, que por hipótese exclue os "Estados". Essa ordem de idéias é representada por livros como o **Alte und Neue Glaube** (A Antiga e a Nova Fé) de Strauss, **Looking Backward** (Retrospecto) de Bellamy e **Die Frau und der Sozialismus** (A Mulher e o Socialismo) de Bebel. Nada de guerras; não mais diferenças de leis, raças, estados ou religiões; nada de criminosos e aventureiros; nada de conflitos surgidos da superioridade e das diferenças na maneira de ser das pessoas; não mais ódios ou vinganças, mas apenas um infinito bem-estar por todos os séculos dos séculos. Mesmo hoje em dia, quando estamos ainda a viver as últimas fases desse otimismo

(1) A palavra aqui é usada naturalmente no sentido específico que ela tem em "A Decadência do Ocidente". (N. do T.).

trivial, tais imbecilidades nos fazem estremecer à idéia do pavoroso tédio — o *tædium vitae* da Roma Imperial — que se estende sobre a alma humana à simples leitura desses idílios. Porque se êles se tornassem efetivos na vida real, ainda mesmo que apenas em parte, só poderiam levar ao assassinio e ao suicídio em massa.

Ambos êsses pontos de vista estão hoje antiquados. Chegamos finalmente, com o século vinte, a uma era suficientemente madura para penetrar na significação derradeira desses fatos cuja totalidade constitue a *história do mundo*. A interpretação das coisas e dos acontecimentos não é mais assunto do gôsto privado de alguns indivíduos de tendência racionalizadora, ou das esperanças e desejos das massas. Em lugar do "talvez seja assim" ou do "devia ser assim" teremos os inexoráveis "é assim" e "há de ser assim". Um cepticismo orgulhoso vem substituir os sentimentalismos do século passado. Aprendemos que a História é qualquer coisa que não tem em menor conta as nossas esperanças.

O tacto fisiognômico, como chamei em outro livro à faculdade que nos permite pene-

trar o sentido de todo o acontecimento — a intuição de Goethe e de todos os que nasceram com o dom de conhecer as criaturas, a vida e a história através dos tempos — o tacto fisiognomônico é que descobre no indivíduo, seja ele pessoa ou coisa, a sua significação mais profunda.

## DOIS

**P**ARA compreender a essência da técnica, não devemos partir da técnica da era da máquina e muito menos da idéia enganadora de que a construção de máquinas e utensílios seja o **objetivo** da técnica.

Porque na realidade a técnica é muitíssimo antiga e, além do mais, ela não é algo de historicamente específico mas sim qualquer coisa de imensamente geral. A técnica transcende as origens da humanidade, recua até a vida dos animais, de **todos** os animais. O tipo de vida destes últimos, em contraste com o da planta, se distingue pela sua capacidade de movimento livre no espaço, pela posse, em maior ou menor grau, de vontade própria e pela independência da Natureza como um todo. Assim sendo, o animal é obrigado a manter-se contra a Natureza e a dar à sua própria existência certa espécie de significação, certa espécie de conteúdo e certa espécie de superioridade. Se vamos então

atribuir um significado à técnica, devemos partir da alma, e apenas dela.

Porque a livre mobilidade dos animais é luta, nada mais, nada menos que luta. É a tática de vida, a sua superioridade ou inferioridade em face do "outro" (seja êle Natureza animada ou inanimada) que decide a história dessa vida, que determina se seu destino é sofrer a história dos outros ou é ser êle a história dêsses outros. **A Técnica é a tática de vida**; é a forma íntima cuja expressão exterior é a conduta no conflito — no conflito que se identifica com a própria Vida.

Vamos ao segundo êro que se deve evi-  
tar: **A técnica não deve ser compreendida como inseparável dos instrumentos.** O que importa não é como se fabricam as coisas, mas o que fazemos com elas; não se trata das armas, mas da batalha. A guerra moderna, na qual a tática é o elemento decisivo — isto é, levando em conta que a técnica de conduzir a guerra, a técnica de inventar, de produzir, de manejar as armas são apenas elementos do processo como um todo — aponta uma verdade geral. Há inúmeras técnicas nas quais não se usam absolutamente instrumentos. Por

exemplo, a de um leão negaceando uma gazela ou a da diplomacia. A técnica da administração consiste em manter o Estado apto para as lutas da história política. Existem as técnicas da guerra química e de gases. Há ainda a técnica das pinceladas do pintor, a da equitação e a de pilotar dirigíveis. Não se trata de coisas, mas sim de uma atividade que tem um propósito. E é precisamente por isto que tantas vezes tem sido esquecido no estudo da pre-história, em que se presta exagerada atenção às coisas dos museus e se dá pouquíssima importância aos inumeráveis processos que devem ter existido, mesmo que não hajam deixado o menor vestígio.

Cada máquina serve um processo, e deve sua existência ao pensamento a respeito dêsse processo. Todos os nossos meios de transporte se desenvolveram da idéia de movimentar um carro, de remar, de navegar a vela e não do simples conceito de carro ou de barco. Os próprios métodos são armas. E consequentemente a técnica não é uma parte da economia, do mesmo modo que a economia (ou a guerra ou a política) não pode ser considerada uma parte da vida existente por si

mesma. Todos esses são apenas aspectos de **uma vida ativa, lutadora e cheia**. Não obstante, da guerra <sup>primária</sup> **primeva** das béstas extintas emerge um caminho que leva aos processos dos modernos inventores e engenheiros, do mesmo modo que da cilada, a mais antiga de todas as armas, sai uma estrada que conduz ao desenho das máquinas com que hoje fazemos guerra à Natureza, superando-a em estratégias.

Ao movimento nesses caminhos se dá o nome de Progresso. Foi essa a grande epígrafe do século passado. Os homens viam a história à sua frente como uma rua pela qual a "humanidade" marchava corajosa e sempre para a frente; e com "humanidade" queriam designar as raças brancas ou, mais exatamente, os habitantes de suas grandes cidades, ou, com maior precisão ainda, os "educados".

Mas... marcha para onde? Por quanto tempo? **E... depois?**

Era um pouco ridícula essa caminhada rumo do infinito, dum alvo em que os homens não pensavam seriamente, dum objeto que ninguém concebia com nitidez ou, para falar

a verdade, que ninguém ousava imaginar. **Porque um alvo é um fim**. Ninguém faz uma coisa sem pensar no momento em que atinge o que deseja. Ninguém começa uma guerra ou uma viagem ou mesmo um simples passeio sem pensar na direção ou na **conclusão**. Todo o ser humano realmente criador conhece e teme o **vazio** que se segue à terminação duma obra.

A evolução implica em **cumprimento** — cada evolução tem um princípio e cada cumprimento é um **fim**. A velhice está implícita na juventude; o nascimento no perecimento; a morte na vida. Porque o animal, cujo pensamento está preso ao presente, conhece ou fareja a morte como alguma coisa que está no futuro, alguma coisa que **não** o ameaça. Ele apenas conhece o medo da morte no **momento** de ser morto. Mas o homem, que tem o pensamento emancipado das cadeias do aqui e do agora, do ontem e do amanhã, investiga o "uma vez" do passado e do futuro, e o seu triunfo ou derrota final ante o medo da morte depende da profundidade ou superficialidade de sua natureza. Conta velha lenda grega, sem a qual não existiria a *Iliada*, que,



tendo a mãe de Aquiles oferecido a êste a escolha de uma vida longa e vazia ou de uma vida breve mas cheia de feitos e de fama, êle preferiu a segunda.

O homem era e é demasiadamente superficial e covarde para suportar a idéia da mortalidade de todas as coisas vivas. Êle a envolve no otimismo côm-de-rosa do progresso, amontoa sobre ela as flores da literatura, fica a rastejar por trás de uma muralha de ideais para não enxergar nada. Mas a transitoriedade, o nascimento e o passamento, é a **forma de tudo quanto tem realidade** — desde as estrêlas, cujo destino para nós é incalculável, até o efêmero formigueiro de nosso planeta. A vida do indivíduo, seja êle animal, planta ou homem, é tão perecível como a dos povos e das Culturas. Cada criação está predestinada à decomposição; todo o pensamento, todo o descobrimento, todo o feito estão condenados ao esquecimento. Aquí e ali, por toda a parte vislumbramos cursos da história de grandioso destino e hoje desaparecidos. Vemos em tórno de nós ruínas das obras “que foram”, de culturas mortas. No descomediamento de Prometeu, que ergueu as mãos para

os céus para submeter as potências divinas ao homem, estava implícita a queda. Que é feito, pois, dessa palavrosa alusão às “realizações imorredoiras”?

A história do mundo tem um aspecto completamente diferente daquele que nosso século se permite sonhar. A história do homem, com parada à do mundo animal e vegetal dêste planeta — para não falar na vida dos mundos estelares, — é realmente breve. É uma ascensão e um declínio de uns poucos milênios, um período que não tem a menor importância na história da terra mas que, para nós que nascemos com êle, está cheio de força e grandeza trágicas. E nós, sêres humanos do século vinte, descemos a encosta **vendo** a descida. Nossa faculdade de perceber a história, nossa capacidade de escrevê-la, é um sinal revelador de que nosso caminho se dirige para baixo. Nos picos das Culturas superiores, no momento em que estas se acham em trânsito para a civilização, êsse dom de penetrante conhecimento lhes aparece por um instante, mas só por um instante.

Entre os exames das estrêlas “eternas” intrinsicamente não importa qual seja o des-

tino dêste pequeno planeta que segue seu curso por breve tempo em algum lugar do espaço infinito. Ainda mais insignificante é aquilo que em sua superfície se move durante alguns instantes. Mas cada um de nós, intrinsicamente um nada, se vê lançado nesse universo rodopiante por um minuto indizivelmente breve. Porisso êste mundo em miniatura, esta história universal, é algo de suprema importância. E, o que é mais, o **destino** de cada um dêsses indivíduos não consiste apenas em, por seu nascimento, terem sido êles trazidos para dentro desta história universal, mas sim em haverem aparecido num determinado século, num determinado país, num determinado povo, numa determinada religião, numa determinada classe. Não está ao nosso alcance escolher entre ser filho dum camponês egípcio de 3.000 A. C., de um rei persa ou então dum vagabundo de nossos dias. A êsse destino temos de nos adaptar. Ele nos **condena** a certas situações, concepções e ações. Não existe "o homem em si" tal como querem os filósofos, mas apenas homens de uma época, de uma localidade, de uma raça, de uma índole pessoal, homens que travam batalha

com um **dado** mundo e acabam vencendo ou sucumbindo, enquanto o universo ao redor dêles segue lentamente o seu curso com uma indiferença divina. Essa batalha é a vida — a vida, sim, no sentido nietzscheano — uma luta tôrva, impiedosa e sem quartel, que nasce da vontade-de-poder.

CAPÍTULO II

HERBÍVOROS E ANIMAIS DE RAPINA

O homem como animal de rapina. —  
"Ser" presa e "fazer" presa. — O movimento  
como fuga e ataque. — O olho rapace e seu  
mundo. — A invariável "técnica da espécie"  
e a técnica inventiva do homem.

**O** **HOMEM** é um animal de rapina.

Pensadores agudos como Montaigne e Nietzsche nunca ignoraram isso. Os velhos contos-de-fadas e os provérbios dos camponeses e nômades de todo o mundo, com sua sabedoria da vida: a semi-sorridente penetração característica dos grandes conhecedores de homens (estadistas, generais, comerciantes ou juizes) do alto de suas vidas ricas: o desespêro do reformador fracassado: a investida do sacerdote irado — em nenhuma parte se nega ou sequer se tenta esconder esse fato. Só a cerimoniosa solenidade dos filósofos idealistas e outros... teólogos é que não teve a coragem de proclamar o que no fundo os seus corações sabiam muito bem. Os ideais são covardias. Não obstante, das obras mesmas dessas pessoas se pode tirar uma bonita antologia das opiniões que de quando em quando elas deixaram escapar a respeito da bête humana.